ENTRE SIGNOS E SÍMBOLOS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO ÁLBUM TRANQUILITY BASE HOTEL & CASINO DOS ARCTIC MONKEYS

Bruno Gonçalves Bortolatto[1]

Vanessa Wendhausen Lima[2]

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar semioticamente o sexto álbum da banda Arctic Monkeys, intitulado "Tranquility Base Hotel & Casino". A análise visa desvendar os significados por trás dos elementos gráficos presentes no álbum. Para isso, utiliza-se o estudo da semiótica do filósofo Charles S. Peirce e sua relação com o design gráfico. A metodologia adotada para conduzir os estudos é baseada na análise semiótica proposta por Silva (2022), proporcionando uma base sólida para condução dos estudos. Ao explorar os temas abordados no álbum, é possível constatar a conexão dos signos presentes com o conceito desenvolvido pelos músicos da banda, além de compreender como o design é capaz de construir significados e contar histórias por meio dos elementos utilizados.

Palavras-chave: Tranquility Base Hotel & Casino. Arctic Monkeys. Semiótica. Analise

1 INTRODUÇÃO

A música é uma forma poderosa de expressão artística, permitindo que os indivíduos se expressem de maneiras que às vezes são difíceis de transmitir por palavras. É também, segundo Muszkat, Correia e Campos (2000) uma linguagem, pois se utiliza de uma série de signos estabelecidos que transmitem uma mensagem de um sistema a outro. As letras das composições podem refletir os sentimentos e experiências dos compositores e intérpretes, bem como os de seus ouvintes.

A análise semiótica emerge como uma ferramenta fundamental para a compreensão das múltiplas camadas de significado presentes no mundo à nossa volta. Através da análise de símbolos, signos, ícones e sua relação com as culturas em que estão inseridos, é possível desvendar as mensagens implícitas e explícitas presentes nas representações visuais.

[1] Graduando em Design Gráfico, 2023. E-mail: brunobortolatto98@gmail.com
[2] Professora do curso de Design, na UniSATC. E-mail: vanessa.wendhausen@satc.edu.br

Neste artigo, propomos uma análise semiótica do sexto álbum da banda Arctic Monkeys, a fim de responder a seguinte questão: Quais os significados por trás dos elementos gráficos do álbum *Tranquility Base Hotel & Casino*?

Para isso, o presente estudo abordará os principais conceitos e teorias da semiótica, destacando sua aplicação no contexto das capas de álbuns musicais. Exploraremos como os elementos visuais, como cores, imagens, tipografia, layout e composição, são utilizados para transmitir mensagens, criar identidades visuais e estabelecer conexões emocionais com o público.

A metodologia aqui estabelecida, com a finalidade de organizar, estruturar e proporcionar uma análise competente, foi baseada nas tricotomias propostas por Pierce e desenvolvida e utilizada por Silva (2022) para sua análise de dois álbuns músicas no trabalho intitulado: UMA VIAGEM SEMIÓTICA QUE VISITA AS CAPAS DE ABBA.

Assim, partindo para o objetivo geral de analisar os elementos que constituem o álbum Tranquility Base Hotel & Casino da banda Arctic Monkeys por meio da Análise semiótica, a fim de entender o seu conceito e como ele é traduzido das letras, para todo o trabalho gráfico.

Para isso, a pesquisa tem três objetivos específicos, sendo eles: **(1)** estudar os elementos da semiótica; **(2)** compreender como o design e a semiótica podem contribuir para a criação de trabalhos conceituais; **(3)** relacionar e entender como o conceito do álbum é traduzido para o encarte.

Partindo de uma visão mercadológica, a análise semiótica de uma capa de álbum é uma ferramenta valiosa no campo do marketing e da promoção musical. No mercado altamente competitivo da indústria fonográfica, é crucial para os artistas e gravadoras entenderem como sua mensagem visual é transmitida por meio da capa do álbum. Por meio da semiótica é possível uma compreensão mais profunda dos elementos simbólicos presentes na capa, como cores, imagens, tipografia e layout, e como eles influenciam as percepções dos consumidores.

A análise semiótica do álbum em questão tem um valor significativo na área acadêmica, especialmente nos campos de estudos culturais, do design e estética. Ao examinar os elementos semióticos de uma capa, como símbolos, ícones, signos e significados culturais, os pesquisadores podem aprofundar seu entendimento sobre como a música e sua representação visual são recebidas e interpretadas pelos indivíduos e pela sociedade, além de demonstrar capacidade do design de gerar

sentido e identificação por meio de códigos pensados e estruturados num objetivo, nesse caso trazer a essência das letras e música.

Por fim, é de importância ao pesquisador em um primeiro momento devido ao apego emocional que o álbum tem na sua vida e no sentido de um estudo maior e mais aprofundado da semiótica na busca por entender como criar e estabelecer relações entre os signos dentro do design.

2 SEMIÓTICA

Em busca de identificar e relacionar os signos presentes no álbum, é necessário compreender melhor o campo da semiótica e de seus principais alicerces, além de estabelecer a conexão entre semiótica e design gráfico.

2.1 OS ALICERCES DA SEMIÓTICA

Segundo Santaella (1983), desde os tempos antigos houve uma preocupação com o estudo das linguagens e dos signos, mas foi apenas no século XVIII, durante a revolução industrial, que tal preocupação tornou-se ciência, sendo denominada Semiótica. Sua origem parte de locais diferentes: Europa Ocidental, EUA, União Soviética, mas no mesmo período histórico. Charles S. Pierce foi a mente por trás da vertente estadunidense, utilizada para a realização da presente pesquisa.

A Semiótica é uma ciência que tem por objetivo o estudo e investigação dos modos de constituição de todos os fenômenos de produção de significado e sentido. Seu campo de atuação pode se estender desde o idioma que falamos e escrevemos, até imagens, expressões, objetos e ações (SANTAELLA, 1983).

Aquilo responsável por transmitir a informação desejada chamamos de Signo ou *Representamen*. Para Peirce (2010), um signo é aquilo que representa algo para alguém dentro de contextos diferentes. Segundo o autor, esse algo, no campo da semiótica, é chamado de objeto. Quando um signo tem um possível observador, é criado na mente dessa pessoa o que o autor chama de *interpretante,* constituindo assim uma relação triádica entre signo, objeto e interpretante. Um único símbolo pode ter mais de um significado, dependendo de seu contexto, como, por exemplo, a palavra “pena” que pode significar uma punição por uma ação julgada ilegal pela

justiça, o sentimento de compaixão e piedade ou mesmo as estruturas que revestem o corpo das aves.

É por conta dessa relação triádica que os signos possuem, conforme explica Netto (1983), que a semiótica é dividida em três ramos diferentes: a gramática pura, que busca definir o que é verdade na representação de um signo, para assim conseguir integrar seu significado, a lógica que estuda o que é verdadeiro para que o signo possa se aplicar em um objeto e o campo da retórica pura, cuja finalidade é entender como um signo origina outro, assim como um pensamento provoca outro.

Segundo Niemeyer (2013), o signo estabelece uma conexão entre o algo (que está ausente) e o observador presente. Para que se tenha essa comunicação, é necessário que os signos se organizem em códigos, constituindo assim um sistema de linguagem.

Buscando uma compreensão das estruturas dos signos, Niemeyer (2013) explica que Peirce elaborou uma tricotomia dos signos, uma divisão das estruturas que o configuram.

A **primeira tricotomia** evoca as principais impressões de forma crua e sem qualquer interpretação que determinado signo evoca, suas qualidades no quesito de forma, cor, cheiro, dentre outras. É o que serve de suporte para toda a interpretação que será extraída pelo observador (NIEMEYER, 2013). Segundo Peirce (2010), conforme esse conceito, um signo ainda pode ser denominado qualissigno, sinsigno ou legissigno.

Um **qualissigno,** segundo Niemeyer (2013, p. 30), "é o aspecto do *Representamen* que diz respeito às suas características que menos o particularizam, como as cores, os materiais, a textura, o acabamento." Já o **sinsigno** denota os aspectos que individualizam o signo, como sua forma e dimensão. E, por fim, o **legissigno** diz respeito a como padrões e ideias se manifestam no signo. (NIEMEYER, 2013).

Segundo Netto (1983) a **segunda tricotomia** diz respeito à relação entre signo e objeto, e conforme definido por Peirce, pode ser dividida em três tipos, são elas: **Ícone,** em que a representação se faz por traços semelhantes ao objeto apresentado, como, por exemplo, esculturas de figuras humanas, fotografias, miniaturas de carros.

O **índice**, conforme explica Medeiros (2011), se aplica onde existe uma relação não de semelhança, mas de causalidade entre o objeto e o signo, um exemplo é a fumaça, um signo indicial que indica fogo.

E, por fim, o **símbolo,** com um caráter mais abstrato, trabalhando com associações e leis de senso comum dentro da sociedade, as palavras de qualquer língua falada são símbolos (NETTO, 1983).

Vale ressaltar que, conforme explica Santaella (2005), essa divisão proposta por Peirce em **Ícone**, **Índice** e **Símbolo** não significa que os signos pertencem exclusivamente a uma única categoria. Ocorre aqui uma relação simultânea, onde o signo pode tomar o papel de qualquer uma dessas divisões dependendo do contexto analisado.

Para finalizar a tríade temos a **terceira tricotomia**, que diz respeito à percepção do signo na mente humana, em que são geradas as inúmeras possibilidades de interpretação, onde é feita toda a análise e representações daquilo que é visto, uma etapa que se alicerça nas duas tríades anteriores (NIEMEYER, 2013). Segundo Santaella (1983, p. 51):

> Diante de qualquer fenômeno, isto é, para conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento como mediação irrecusável entre nós e os fenômenos. E isto, já ao nível que chamamos de percepção. Perceber não é, senão, traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, ou melhor, é interpor uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido.

Segundo Peirce (2010), conforme a terceira tricotomia, podemos classificar os signos em **Rema**, **Signo Dicente** e **Argumento**. Uma **Rema** é um nível primário de interpretação, o primeiro momento entre o signo e o interpretante, onde se dá a indefinição, surpresa e indagações.

Quando o observador começa a interpretar, ainda num caráter mais informativo do que emocional aquele signo, se dá início ao processo de **Signo Dicente**. Por fim, quando o intérprete fica minado de certezas e garantias, temos o chamado **Argumento** (NIEMEYER, 2013).

Buscando uma melhor compreensão de como os signos são relacionados e trabalhados dentro do cérebro de um observador, Charles S. Peirce entra aqui no campo da chamada **fenomenologia**, ciência cujo objetivo é apresentar e estudar como acontecem todos os fenômenos lógicos e de produção de significado na mente humana (SANTAELLA, 2005).

Nesse caminho, segundo Texeira, Matos e Perasi (2011), Peirce definiu, dentro da sua fenomenologia, três categorias para explicar como a mente funciona para interpretar os fenômenos que aparecem em nossa consciência, denominadas:

primeiridade, secundidade e terceiridade, tais etapas reúnem e dividem as três tricotomias citadas anteriormente, constituindo assim suas características próprias, como vemos na Figura 1:

Figura 1 - Tabela de relações sígnicas

	DIVISÃO DOS SIGNOS		
CATEGORIA	O Signo em relação a SI MESMO	O Signo em relação ao OBJETO	O Signo em relação ao INTERPRETANTE
PRIMEIRIDADE	Quali-signo	Ícone	Rema
SECUNDIDADE	Sin-signo	Índice	Dicente
TERCEIRIDADE	Legi-signo	Símbolo	Argumento

Fonte:<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13975/13975_9.PDF>

A primeiridade, conforme cita Netto (1983), é associada à ideia de liberdade e do sensível, ao perceber as coisas ao nosso redor de forma livre e não controlada. Essas sensações que percebemos são denominadas de *Quali-signos* e representam um momento onde a razão não ocupa espaço, onde somos atingidos por experiências do passado, memórias, um mundo de possibilidades.

A Secundidade, como explica Santaella (1983), pode ser encarada como a parte material do signo, ao simples fato de sua existência ele toma forma e a mente tenta entendê-lo. É onde a razão entra no processo, depois do sentimento. Já Terceiridade é onde se tem a mediação entre a liberdade com os fatos, que resulta na interpretação que a mente toma.

Ao compreender as relações mostradas sobre os signos, fica mais claro o caminho que Pierce toma ao dividir em três categorias os fenômenos da nossa mente, de significação, objetivação e interpretação. A noção de signo que Pierce toma fica aprofundada a tal ponto que, nem mesmo, precisa se constituir de uma linguagem plena e formal. Um signo pode ser uma ação, reação, emoção, etc. Nem mesmo o próprio efeito interpretativo que o signo provoca no receptor pode ser algo formalizado e bem formulado.

As relações semióticas aqui descritas se mostram complexas e ocorrem de maneira simultânea umas com as outras, conforme explica Pereira (2023) Uma imagem ou objeto podem ser classificados como signos, mas também os elementos que os constituem podem ser também. As cores, por exemplo, entram como um

elemento que compõe a maioria dos signos, mas também podem funcionar como signos autônomos.

Caivano (1998) explica que podemos associar as cores a vários significados, funcionando assim, tanto como simbólicas, quanto indiciais. Um exemplo disso estão nas associações do verde como “siga”, do amarelo como “atenção” e do vermelho como “pare” nos semáforos.

É compreendendo esses aspectos que podemos concluir que qualquer coisa pode ser analisada dentro do âmbito da semiótica de Peirce, seja uma peça publicitária, um livro, um produto e, o como o tema dessa pesquisa sugere, um álbum musical.

2.2 A SEMIÓTICA E O DESIGN GRÁFICO

Como explica Costa (2021), atualmente, existe uma gama de áreas do saber e do fazer humano em que o design está inserido, como o design de produto, o design visual, o design de serviços, design de moda e o design gráfico. Neste cenário, em que o profissional lida diretamente com a comunicação humana, sendo responsável por utilizar signos e representações visuais para que os usuários possam entender o que está sendo transmitido, a semiótica possui importantes fundamentos tanto para análise quanto para a produção de significados em um projeto de design.

Como cita Santaella (1983), são amplas as possibilidades de comunicação e transmissão de informações que temos no mundo. A nossa convivência com outros seres não se baseia apenas no uso da língua que falamos, mas também em sons, odores, tato, expressões, gestos, imagens, números, e assim por diante. As inúmeras possibilidades em que conseguimos nos expressar e demonstrar significados são tão complexas quanto a nossa própria biologia animal.

Por conta desses fatores, podemos perceber que o produto, resultado de um processo do design gráfico, passa por interferências e por diferentes filtros para comunicar algo, ou seja, é um portador de representações e participa de um processo de comunicação. Diante disso, percebemos que a semiótica esclarece esses fatores contribuindo para um sistema de significação (AZAMBUJA, MENDES, SILVA, 2021).

Como ressalta Niemeyer (2013), aplicar a semiótica ao design gráfico fornece suporte para que se resolvam questões comunicacionais, interferindo onde e como os

signos presentes vão se relacionar com seu público, resolvendo as questões que o projeto levanta.

Figura 2: Embalagem de Brócolis congelado

Fonte: <https://www.sadia.com.br/produtos/proteina-alternativa/vegetais-congelados/brocolis-congelado-1kg/>

Na Figura 2 podemos observar como os signos são aplicados e interagem com os usuários no dia a dia. Na imagem vemos vários brócolis, considerando o entendimento e funcionamento do que são signos, podemos constatar que a imagem se trata de uma representação do conteúdo que está sendo vendido dentro da embalagem. Essas relações podem ser simples e práticas, como observamos no exemplo, ou podem levar a uma gama de significados e expressões dentro do projeto de design.

De uma maneira mais adequada, como ressalta Costa (2011), tudo que percebemos à nossa volta pode comunicar algo, mesmo sem possuir a linguagem verbal, podemos entender coisas simples como nuvens cinzas no céu comunicando chuva, árvores com as folhas caindo no chão, que sinalizam o outono e até coisas mais complexas.

A comunicação verbal que utilizamos ainda possui algumas limitações para pessoas analfabetas que não conseguem ler para entender o que está se expressando. Tais pessoas não possuem esse problema quando levados para a comunicação visual, a partir do uso de figuras, gestos, fala e símbolos se consegue absorver o que está sendo transmitido. Isso acontece, pois esse tipo de comunicação

não é vinculado a fatores lógicos e precisos, mas sim a uma gama de influências, culturais e fatores complexos e psicológicos humanos. (DONDIS, 2003)

No intuito de conseguir comunicar em seus projetos gráficos, designers utilizam da semiótica e de outros campos da estética. Como explica Costa (2021), entender melhor como utilizar essas ferramentas, como o uso de uma cor, permite ler o mundo com mais profundidade e criar comunicações visuais únicas.

Um exemplo disso, que será abordado aqui, são as capas de álbum, em que os artistas se munem de formas, texturas, ilustrações, cores, uma gama de elementos para capturar a essência central do álbum, que se faz presente nas letras das músicas, no estilo do som e nos próprios músicos.

O exemplo apresentado na Figura 3 ilustra como a fotografia, a paleta de cores e outros elementos podem ser empregados nas capas de álbuns para transmitir o conceito subjacente às canções. A análise da figura em questão evidencia a predominância de tons amarelados e esverdeados, bem como a presença de pessoas que evocam a realidade brasileira, sugerindo uma conexão com a temática abordada nas letras e melodias. Essa abordagem semiótica da capa do álbum revela a capacidade da imagem de comunicar significados além do seu aspecto puramente estético, oferecendo um recurso poderoso para a transmissão de mensagens culturais e artísticas.

Figura 3: Capas de álbuns. Clube da Esquina. Milton Nascimento e Lô Borges (1972); Acabou Chorare. Novos Baianos (1972);

Fonte: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2022/04/30/interna_cultura,1363465/clube-da-esquina-e-acabou-chorare-na-lista-dos-melhores-discos-de-1972.shtml

3 METODOLOGIA

Uma metodologia de pesquisa adequada proporciona uma base sólida para a condução de estudos científicos, ajudando a garantir que as questões de pesquisa sejam abordadas de maneira sistemática e que as conclusões sejam baseadas em evidências sólidas. Ao fornecer diretrizes claras e estruturadas, a metodologia auxilia na definição dos procedimentos a serem adotados, na identificação das variáveis relevantes a serem analisadas e na escolha dos instrumentos e técnicas mais apropriados para a coleta e análise de dados.

3.1 METODOLOGIA DE PESQUISA

Segundo Gil (2008) esta pesquisa se configura como básica, pois busca se utilizar dos princípios da semiótica para a compreensão do material físico de um álbum de música, sem a preocupação com as aplicações e consequências práticas.

Podemos classificar esta pesquisa com uma abordagem qualitativa, visto que, conforme explica Coelho (2019) se presume, dentro do contexto de seu objetivo específico, conclusões subjetivas e não quantificáveis.

Em último, classificamos este trabalho como exploratória, pois tem como foco principal um objeto ainda não analisado dentro do campo da semiótica e, conforme elucida D'angelo (2019) a pesquisa explicativa possui como objeto explorar algo novo e buscar decifrar teorias por meio da análise.

3.2 METODOLOGIA DE PROJETO

A metodologia escolhida para a realização desta pesquisa foi criada por Silva (2022) que se baseia em duas etapas nomeadas: Expor e Explorar, que serão melhor explicadas a seguir.

A primeira parte, nomeada **Expor**, é dedicada a contar a história da banda Arctic Monkeys, relatando curiosidades sobre os artistas e características da sonoridade. Tais informações serão utilizadas para fundamentar melhor a etapa seguinte.

A segunda etapa, chamada **Explorar,** é dividida em duas sub-etapas fundamentadas nas três categorias que explicam como funciona a nossa mente na interpretação dos fenômenos de interpretação. Na primeira sub-etapa nomeada de **Indicar**, serão descritos os elementos presentes em todo o encarte do álbum sem qualquer aprofundamento ou interpretação, aplicando o conceito da primeiridade. Por fim, na segunda sub-etapa, denominada **Analisar**, os componentes descritos serão investigados, apontando sua relação entre signo e objeto, dando início a secundidade e posteriormente se aprofundando na terceiridade.

4 ANÁLISE

A presente seção visa seguir os passos da metodologia, contando a seguir a história da banda Arctic Monkeys e, aprofundando-se, no penúltimo álbum da banda, o Tranquility Base Hotel & Casino (TBHC).

4.1 EXPOR

A banda Arctic Monkeys (Figura 4) é um grupo de indie rock inglês formado na cidade de Sheffield em 2002. É composto por Alex Turner (vocal e guitarra), Jamie Cook (guitarra), Nick O'Malley (baixo) e Matt Helders (bateria). Segundo Andrew Leahey (2022), do site Allmusic, o grupo se destacou, inicialmente, na cena independente, lançando demos online, fazendo shows locais e divulgando seus trabalhos .

Figura 4: Integrantes da banda Arctic Monkeys

Fonte: <https://www.uniaofm.com.br/baterista-confirma-que-arctic-monkeys-prepara-novo-album/>

Conforme explica Aiex (2016) Em 2005, a banda lançou o seu primeiro álbum, "Whatever People Say I Am, That's What I'm Not", que contava com hits como “I Bet You Look Good On The Dancefloor”. Com uma sonoridade influenciada pelo punk e pelo indie rock, o álbum foi aclamado pela crítica e estabeleceu o Arctic Monkeys como uma das principais bandas do cenário britânico.

Posteriormente, a banda lançou o "Favourite Worst Nightmare" em 2007 e "Humbug" em 2009 (Figura 6) que, segundo o site Rolling Stone (2019), mostraram uma evolução sonora e criativa da banda, explorando novos gêneros musicais e temas líricos mais complexos. Em 2011, o Arctic Monkeys lançou "Suck It and See", que foi bem recebido pela crítica e consolidou a posição da banda como uma das mais importantes da cena indie rock mundial.

No ano de 2013, o grupo lançou o seu quinto álbum de estúdio, "AM" (Figura 6), que foi um sucesso comercial e de crítica. O álbum mostrou uma influência mais forte do rock clássico e do hip hop, além de letras mais maduras e introspectivas. Com esse álbum, a banda ganhou vários prêmios e alcançou sucesso em todo o mundo. (Silva, 2013).

Após um intervalo de quatro anos, o Arctic Monkeys retornou em 2018 com o álbum "Tranquility Base Hotel & Casino" (TBHC). Segundo Sabbaga (2018) o álbum apresenta uma mudança radical em relação aos trabalhos anteriores, uma jogada arriscada da banda. Com uma sonoridade mais experimental e conceitual e inspirado no rock progressivo e na música lounge dos anos 60, as letras revelam um caráter mais enigmático e surrealista no estilo de compor do vocalista, explorando temas como tecnologia, alienação e desilusão.

Ao longo de sua trajetória, o Arctic Monkeys se estabeleceu como uma das bandas mais inovadoras e influentes da cena indie rock, explorando diferentes estilos musicais e temas líricos, sempre mantendo uma identidade sonora própria e reconhecível.

Figura 5: Álbuns Favorite Worst Nightmare e Humbug

Fonte: <https://www.classicrockhistory.com/complete-list-of-arctic-monkeys-albums-and-discography/>

Figura 6: Álbum AM

Fonte: <https://www.classicrockhistory.com/complete-list-of-arctic-monkeys-albums-and-discography/>

Segundo Ornelas (2018), é impossível separar a banda do vocalista Alex Turner. Ao longo dos anos, o vocalista foi refinando e imprimindo, cada vez mais, suas ideias na sonoridade da banda, até tudo culminar no penúltimo álbum, e foco dessa pesquisa, o TBHC, que muitos críticos citam como uma espécie de trabalho solo do cantor, visto que todo o conceito do disco saiu de sua mente criativa.

Desde o primeiro álbum da banda, "Whatever People Say I Am, That's What I'm Not" (Figura 7), Turner tem se destacado por suas letras que retratam a vida urbana dos jovens britânicos, com uma mistura de sátira social, introspecção e romance. Em muitas de suas canções, o vocalista utiliza uma linguagem coloquial e um senso de humor peculiar para transmitir suas mensagens. Ele frequentemente se concentra em personagens e situações cotidianas, explorando suas emoções, anseios e desilusões. Seus temas líricos incluem amor, amizade, solidão, decadência urbana e o desafio de se encaixar em uma sociedade, muitas vezes, opressiva, inspirado pelo estilo do poeta John Cooper Clarke. (Taylor, 2023).

Ao longo dos anos, Turner tem evoluído como compositor e letrista, incorporando novas influências musicais e literárias em seu trabalho. Para Tom Taylor (2022), o álbum "Tranquility Base Hotel & Casino", por exemplo, apresenta letras mais enigmáticas e surrealistas, inspiradas em escritores como David Foster Wallace, J.G. Ballard e Neil Postman.

Figura 7: Álbum Whatever People Say I Am, That's What I'm Not

Fonte: https://www.classicrockhistory.com/complete-list-of-arctic-monkeys-albums-and-discography/

4.2 EXPLORAR

Seguindo os passos da metodologia, o álbum a ser analisado será o sexto álbum da banda, o Tranquility Base Hotel & Casino. Lançado em 2018, o trabalho foi visto como uma mudança de estilo dos músicos, que vinham embalados por influências de hip hop e riffs de guitarra no álbum anterior, o AM.

Nesta etapa, a analise é dividida em dois momentos que buscam seguir a ideia da fenomenologia proposta por Peirce, onde são apresentados três momentos de percepção de um signo na mente humana, a primeira, segunda e terceiridade, e cada um dos elementos do signo são predominantemente representados em cada um desses momentos.

Em um primeiro momento, denominado indicar, a capa e o encarte do álbum serão descritos sem qualquer aprofundamento, apenas a observação pura, ou como explica Santaella (1983) ao que chamamos de primeiridade, um fenômeno fundamentalmente interno a mente onde as sensações percebidas, denominadas Quali-signos, relacionam-se com seus referentes como ícones.

4.2.1 Indicar

A começar pela capa do álbum (Figura 8), aqui observamos alguns quali-signos que nos ajudarão posteriormente a entender melhor os seus significados. Primeiramente um fundo escuro levemente amarronzado toma boa parte do espaço, inicialmente nosso olhar é direcionado aos dizeres centralizados: "Tranquility base hotel & casino", seguido logo abaixo pelo nome da banda, ambos escritos com uma tipografia geométrica na cor dourada. O elemento que toma maior destaque é uma maquete feita de madeira que aparenta ser um tipo de estabelecimento. Em entrevista para a Rádio X, Alex Turner explica de onde surgiu a inspiração para a estrutura:

> A capa surgiu a partir de uma foto que vi, de uma pessoa no departamento artístico de *2001: Uma Odisséia no Espaço* [*filme de 1968 de Kubrick*], construindo o set de Hilton na lua", afirmou. "Naquele momento, já havíamos decidido chamar o disco de *Tranquility Base Hotel & Casino*, então começamos a pensar em coisas que pudessem estar no lobby deste lugar." (MADSOUND, 2018)

Figura 8: Capa do álbum Tranquility Base Hotel & Casino

Fonte: <https://www.classicrockhistory.com/complete-list-of-arctic-monkeys-albums-and-discography/>

Outro elemento que merece destaque é um antigo gravador de música posicionado abaixo da maquete, aparentemente ligado e emitindo uma suave luz dourada. Na contracapa do álbum, os botões do gravador ganham maior proeminência, compartilhando a cena com a maquete vista de perto. Essa abordagem permite uma visão mais detalhada da estrutura da maquete, além de possibilitar a leitura clara das funções atribuídas a cada botão.

A maquete é elaborada a partir de várias camadas que se sobrepõem uma sobre a outra, formando uma espécie de pirâmide. Podemos notar também a presença de um letreiro na parte direita da construção. No encarte central nos deparamos com

uma fotografia de Alex (Figura 9) com um traje de dormir bege, sob uma luz contrastada, onde metade do seu corpo aparece na luz e a outra metade na escuridão. Na parte iluminada observamos que o vocalista está com um olhar aguçado e aparenta estar analisando a maquete do hotel.

Figura 9: Encarte central.

Fonte: <https://www.omelete.com.br/arctic-monkeys/arctic-monkeys-tranquility-base-hotel-casino-faixa-a-faixa>

Ao analisar o CD, é evidente um fundo escuro com uma proeminente e centralizada forma losangular em tom amarelado. Essa estrutura geométrica se assemelha notavelmente aos elementos presentes na maquete, estabelecendo uma conexão visual entre ambos.

A capa do livreto (Figura 10) possui um fundo que aparenta ser a foto de um espelho ondulado e opaco, emitindo uma luz dourada. O nome do álbum aparece mais uma vez, ocupando toda a área com a mesma tipografia da capa, agora na cor preta. Na guarda do livreto observamos um padrão de vários losangos semelhante ao encontrado no CD. (figura 11).

Figura 10: Capa Livreto.

Fonte: <https://imgur.com/a/3lf7oF1>

Figura 11: Guarda do livreto.

Fonte: Autor (2022)

Nas páginas seguintes aparecem as letras das canções, todas sob um fundo dourado e escritas na cor preta, utilizando a mesma tipografia usada da capa. Na última folha do livro são dispostas quatro fotografias (figura 12), uma correspondente a cada um dos integrantes do grupo musical, formando uma moldura quadrada com bordas arredondadas. Na composição das imagens, Nick, Jamie e Matthew estão olhando diretamente para a câmera, com uma expressão facial contida e trajes formais, enquanto Alex se apresenta direcionando o olhar para a esquerda e utilizando óculos escuros, o que impossibilita a identificação do ponto focal de seu olhar.

Figura 12: Página Final livro.

Fonte: https://imgur.com/a/3lf7oF1

4.2.2 Analisar

Para entendermos melhor os significados por trás dos elementos descritos, damos início à última etapa da metodologia. Aqui, seguindo dentro do campo da fenomenologia de Peirce, chegamos na secundidade e terceiridade, que conforme explica Santaella (2005) é onde os elementos tomam corpo na mente humana e são relacionados com outros, formando signos.

Como explica Santaella (1983), existe uma relação entre o nível do interpretante e o potencial interpretativo dos signos, ou seja, a bagagem que o observador trás na sua mente é muito importante para se estabelecer os possíveis sentidos que estão sendo representados. A partir disso, se faz necessário, antes de uma análise e classificação atenta aos elementos do álbum, entender melhor o conceito que é explorado.

No contexto de uma entrevista concedida ao jornal O Globo, Alex afirmou que a ideia para o álbum TBHC (Tranquility Base Hotel & Casino) surgiu quando ele começou a tocar piano em seu quarto e, inspirado por influências cinematográficas e musicais, elaborou um conceito espacial para suas canções. Essa perspectiva é explicada por Facchi (2018) como sendo uma ficção científica criada pelo músico, em que a humanidade atingiu um nível avançado de sofisticação, tornando a Terra menos interessante. Agora, aqueles com mais recursos financeiros migram para a Lua, mais

precisamente para o Mar da Tranquilidade, local onde a Apollo 11 pousou em 1969, e é a partir dessa premissa que o álbum toma forma.

Esse conceito espacial é amplamente explorado em faixas como American Sports, onde Turner dá lugar a um personagem que está vivendo na lua e observa as ações humanas como esportes, e outras canções como Tranquility Base Hotel & Casino, onde é concebida a ideia de Jesus Cristo ir a um Spa nos versos, e uma mãe que se arruma para ir protestar (Ombrelo, 2019).

Apesar da história se passar no futuro, como explica Facchi (2018), o álbum é repleto de citações e metáforas a músicas, filmes e livros dos anos 60 e 70. Exemplos disso estão em canções como Star Treatment, onde o verso “Hitchhiking with a monogrammed suitcase” remete ao livro de Douglas Adams, O Guia do mochileiro das galáxias, e na canção American Sports onde a frase “And I never thought, not in a million year, that I’d meet so many Lolas” remete ao livro de ficção de Russel Hoban, *Her name was Lola*.

A partir das informações aqui descritas, podemos explorar com um outro olhar os elementos descritos anteriormente, e formular conexões entre os temas das canções e os elementos apresentados na primeira parte.

Ao observar o álbum atentamente, podemos notar a predominância de duas cores, o preto e o amarelo. Essas duas tonalidades nos permitem chegar a uma gama de entendimentos e, conforme explicado anteriormente, podemos classificá-las de diferentes formas.

Conforme explica Caivano (1998), cores escuras dão a impressão de serem mais pesadas, como se tivesse uma maior concentração de matéria no ponto em que se encontram. Desse perspectiva, podemos classificar o uso do preto como sendo um símbolo, representando o conceito do álbum, que diferente dos anteriores da banda, possui temas mais complexos sendo abordados, trazendo uma narrativa que se liga a todas as canções, além de mostrar um novo momento dos músicos, mais maduros.

A partir da análise do senso comum, é possível constatar que a utilização de iluminação com tons mais amarelados é comumente associada à transmissão da sensação de conforto em ambientes. Nessa perspectiva, é possível inferir que a escolha de tonalidades amareladas no material do álbum pode evocar a ideia de conforto e aconchego, que são percebidos pelos usuários do hotel.

Segundo Pereira (2023), as cores possuem uma dimensão simbólica, visto que são capazes de evocar significados independentemente do contexto em que são

utilizadas. Nesse sentido, a utilização de tons amarelados aqui pode ser associada a um conjunto de significados que remetem à sensação de conforto e acolhimento, como calor, otimismo e felicidade, por exemplo.

Em um segundo momento, o olhar do observador é direcionado para o título do álbum. Como explicado anteriormente, um signo não se resume a apenas um objeto, Santaella (1983) nos mostra as amplas possibilidades de formulação de significados que temos no mundo, entre elas estão as palavras que utilizamos para nos comunicar e que são repletas de sentidos. Segundo Repullo (2018) o mar da tranquilidade (*Tranquility Base*) que dá nome ao disco foi o ponto onde o homem pousou na lua em 1969, e a história em questão nos mostra que agora o local do maior salto tecnológico da humanidade se transformou em um Hotel de luxo.

Dessa forma, podemos classificar o título do álbum como um signo simbólico, pois representa o hotel em que a história se passa, e é fixado na mente do observador a partir da repetição, sendo citada várias vezes nas letras das canções e em todo o material do álbum. Conforme explica Pereira (2023), o signo simbólico pode funcionar de diversas formas, dentre elas pelas ideias de generalidade e recorrência funcionando como uma ocorrência repetida de uma ideia geral.

Dentro do olhar atento que tomamos no campo da primeiridade, percebemos uma grande quantidade de formas geométricas, presentes na tipografia, na maquete do hotel que vista de cima remete a uma forma losangular e nos padrões apresentados no livreto. Nessa perspectiva, entendemos que, conforme explica Texeira, Matos e Perassi (2008), figuras repletas de formas geométricas e angulares não são comuns na natureza, onde encontramos formas mais orgânicas e curvilíneas.

A partir desse estímulo presentes das formas conseguimos entender, já nos campos da secundidade e terceiridade, a escolha da fonte e de outros formatos geométricos como representações do salto tecnológico criado por mãos humanas e, logo, não são comuns na natureza. Dessa perspectiva, podemos tratar esses signos como indiciais, isto porque como explica Medeiros (2010) um signo se torna índice quando ele sugere a existência de outro signo, como pegadas na areia sugerem que algum indivíduo passou por ali, ou na análise em questão, as formas geométricas indicam o conceito ficcional e tecnológico que o álbum traz.

Além disso, nota-se que a presença do formato losangular em várias partes do álbum funciona como uma representação da maquete do hotel visto de cima, fazendo o conceito do Spa e Casino na Lua ser fixado na mente do observador. Dentro dessa

ideia, como explica Medeiros (2010) formas, cores, texturas e outras semelhanças com o objeto a ser representado acabam aproximando ainda mais e amplificam o poder de sugestão, a partir desse ponto consideramos um ícone, pois os objetos se assemelham ao seu *representamên*.

A forma do losango chama a atenção também por ser utilizado em chaveiros de hotéis vintage (figura 13), relacionando o conceito futurista do álbum, com os anos 60 e 70.

Figura 13: Chaveiro de hotéis Vintage.

Fonte: <https://www.amazon.com.br/Chillkat-Chaveiro-de-hotel-vintage/dp/B07RT26QN6?th=1>

Buscando um equilíbrio entre o conceito futurista e o vintage na mídia física observamos na capa a presença do gravador de música retrô, que apoia a maquete do hotel, e que aparece em destaque na contracapa, onde podemos observar ele de mais perto, visualizando seus botões e terminais de operação, contribuindo para a atmosfera do álbum, misturando ficção científica com referências clássicas.

A foto apresentada ao abrir o disco, em que Alex aparece observando o hotel, é retirada do videoclipe da canção "*Four Out Five"* e nos mostra uma referência direta ao Filme "O iluminado" de Stanley Kubrick, em uma cena onde o personagem, interpretado por *Jack Nicholson*, observa o hotel que a história irá se passar (Figura 14).

Figura 14: Cena do Filme O Iluminado.

Fonte:<https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2015/01/hotel-que-foi-inspiracao-para-filme-o-iluminado-desafia-fas-criarem-labirinto.html>

A imagem em questão, conforme visto anteriormente, é classificada como um Ícone, visto que ele faz referência direta a cena do filme, e conforme a divisão dos ícones estabelecida por Peirce, se encontra ao nível de imagem, que segundo Santaella (2008) se dá quando o signo estabelece ligação direta com o objeto pela sua aparência, como a fotografia de um gato representa o animal.

A ligação entre o álbum e o trabalho do cineasta americano Stanley Kubrick permeiam as canções. Como o vocalista afirma em entrevista, o título da segunda faixa do disco "One point perspective" é uma técnica cinematográfica muito utilizada pelo cineasta, em que o ponto de fuga é centralizado na tela, gerando um desconforto no observador. Tal recurso ganha muita evidência em cenas clássicas do diretor, como no filme 2001 uma odisseia no espaço, onde observamos a figura de um monolito centralizado em um quarto (figura 15), ou na cena clássica das irmãs gêmeas nos corredores do hotel em "O Iluminado" (Ombrelo, 2019).

Figura 15: Cena do Filme 2001: Uma Odisséia no Espaço.

Fonte: <https://www.omelete.com.br/filmes/2001-uma-odisseia-no-espaco-45-anos>

Tanto como tema das canções, no nome e na arte da capa, o Hotel sempre está em destaque no álbum, é nele que todo o trabalho conceitual se apoia. Retirando o livreto do encarte e observando a capa, mais uma vez o título ganha destaque, sob um fundo amarelado. Observando o documentário lançado junto ao disco, denominado “Warp Speed Chic”, notamos que esse fundo se refere a uma porta de vidro (figura 16), levando a diversas interpretações.

Figura 16: Frame retirado do documentário Warp Speed Chic.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PMHHjOi6H3s>

Uma interpretação mais clara e apropriada nos é dada ao se estabelecer uma conexão intrínseca entre a porta e o hotel, concebendo-a como uma das diversas entradas possíveis para estabelecimento. Numa outra perspectiva a porta funciona como um símbolo. Conforme elucidado por Netto (1983), um símbolo como uma entidade de natureza abstrata, cuja significação é estabelecida através de associações de senso comum. Neste contexto, a porta é entendida como um símbolo que representa a entrada do sujeito no universo do álbum.

O livreto é concluído com uma fotografia que retrata todos os integrantes da banda, conforme evidenciado na figura 12. É possível observar que a imagem possui uma borda arredondada, um elemento que a banda utiliza em clipes e gravações ao vivo de suas músicas com o intuito de evocar elementos nostálgicos, reminiscentes das molduras de televisores de tubo dos anos 70 (Figura 17). A imagem desempenha um papel de ícone, uma vez que apresenta semelhanças com a capa do álbum "Rubber Soul" dos Beatles (Figura 18), que Alex, já afirmou se inspirar para muitas de suas composições . A similaridade nas poses das imagens é notável, com três dos quatro integrantes olhando para a mesma direção, enquanto os líderes olham para a direção oposta. Essa semelhança pode ser interpretada como uma referência à

mudança de estilo e comportamento que os Beatles também experimentaram em seu álbum.

Figura 17: Televisão de Tubo.

Fonte: https://br.freepik.com/fotos-premium/teve-do-vintage-televisao-antiga-da-caixa-de-madeira_4903480.htm

Figura 18: Capa do Álbum Rubber Soul da banda The Beatles.

Fonte: <https://www.discogs.com/pt_BR/release/375379-The-Beatles-Rubber-Soul>

A mudança de estilo adotada pelos integrantes do grupo vai além da esfera musical, refletindo-se também em suas vestimentas. Agora, eles optam por trajes mais sofisticados, transmitindo uma elegância que está alinhada ao conceito abordado no álbum, que explora a temática de um cassino - um ambiente conhecido por seu refinamento e glamour.

Por fim, ao analisar todo o material do álbum na totalidade, podemos perceber que, a partir de elementos como cores, formas e fotografias, subentende-se uma temática de ficção científica e vintage. Essa temática acaba por refletir não apenas nas músicas, mas também na mensagem que os músicos desejavam transmitir. Dessa forma, os elementos visuais contribuem e se mesclam com as ideias presentes nas composições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a finalidade desta pesquisa a análise semiótica do sexto álbum da banda britânica Arctic Monkeys, o Tranquility Base Hotel & Casino, e de responder a seguinte pergunta problema: Quais os significados por trás dos elementos gráficos do álbum *Tranquility Base Hotel & Casino?* pode-se constatar, por meio dos resultados alcançados no entendimento dos diferentes signos encontrados, como os elementos presentes no álbum foram desenvolvidos em concordância com o conceito proposto pelos músicos.

Para chegar à conclusão da pesquisa e efetuar com clareza os objetivos propostos, foi necessária uma bagagem teórica ancorada na Semiótica Peirceana, e seus conceitos fundamentais para a interpretação dos signos, baseado nas tricotomias do objeto e seu relacionamento com a área do design gráfico, tópicos de grande importância para o entendimento de como interpretamos e construímos os signos presentes no mundo.

Para uma melhor organização e análise deste trabalho, foi utilizada a metodologia de Silva (2022) já posta em prova no trabalho “UMA VIAGEM SEMIÓTICA QUE VISITA AS CAPAS DE ABBA” e baseada em outros modelos de análises semióticas. Seguindo seus passos, na sua primeira parte, denominada "Expor", a origem da banda foi destrinchada, passando por todos os seus álbuns, características sonoras e principais influências, com o objetivo de entender os artistas da obra em análise.

A segunda parte da metodologia, denominada "Indicar", foi dividida em duas partes. A primeira, chamada **Indicar**, onde o conceito da primeira análise, ou como o filósofo Charles Peirce denomina como Primeiridade, foi utilizado, ou seja, uma análise de pura observação dos elementos do álbum, a descrição dos principais elementos. Seguindo assim para a segunda etapa, **Expor**, onde, depois de identificados, os signos foram categorizados seguindo a tricotomia dos objetos e interpretados seguindo comentários dos músicos e análises de críticos.

A partir desta análise, pode-se ter um entendimento abrangente sobre os signos presentes no álbum, e do alcance que o design pode ter, num nível mercadológico, ao transferir os conceitos presentes nas músicas para a embalagem de um disco de música, a partir dos conceitos estabelecidos pela Semiótica.

A pesquisa também se mostra importante no âmbito acadêmico em dois segmentos, o primeiro no uso da Metodologia proposta, servindo como modelo de prova de seu uso, e em segundo ponto o seu uso como referência em pesquisas que se utilizam da semiótica peirceana.

Apesar de a análise ter abrangido todo o álbum, é importante ressaltar que certos elementos podem receber maior atenção em futuras pesquisas. Um exemplo notável é a maquete do hotel, que incorpora influências de diversos movimentos artísticos. Além disso, a banda já compartilhou várias plantas deste local imaginado, o que pode despertar interesse para estudos mais aprofundados. Outro aspecto relevante seria uma análise mais abrangente das diversas formas de mídia em que o álbum foi apresentado, como videoclipes e shows ao vivo, que podem enriquecer a compreensão da obra como um todo. Esses tópicos podem ser explorados em pesquisas futuras, a fim de ampliar a compreensão do impacto artístico e cultural do álbum.

REFERÊNCIAS

AIEX, Tony. **Há 10 anos o Arctic Monkeys lançava seu primeiro disco de estúdio** Disponível em:<https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2016/01/22/ha-10-anos-o-arctic-monkeys-lancava-seu-primeiro-disco-de-estudio/ >. Acesso em: 05 jul. 2023.

AZAMBUJA, Cristina Spengler; MENDES, Giselly Santos; SILVA, Silvia Cristina da. **Estética e Semiótica Aplicadas ao Design**. São Paulo: Intersaberes, 2021.

CAIVANO, José Luis.**Color and semiotics: a two-way street. Color Research and Application**. Dec. 1998, Vol. XXIII, 6.

COELHO, Beatriz. **Um guia completo sobre todos tipos de pesquisa: abordagem, natureza, objetivos e procedimentos**. Blog da Mettzer. 2019. Disponível em: < https://blog.mettzer.com/tipos-de-pesquisa/#:~:text=A%20pesquisa%20pode%20ser%20experimental,%2Da%C3%A7%C3%A3o%2C%20etnogr%C3%A1fica%2C%20etnometodol%C3%B3gica. >Acesso em: 29 set. 2022.

COSTA, Humberto. **Estética e Semiótica Aplicada ao Design.** São Paulo: Contentus, 2021.

COSTA, Joan. **Design para os olhos: marca, cor, identidade e sinalética**. Lisboa: Dinalivro, 2011.

DONDIS, Donis A**. Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FACCHI, Cleber. **Arctic Monkeys : "Tranquility Base Hotel & Casino"** Disponível em:<http://musicainstantanea.com.br/resenha-tranquility-base-hotel-casino-arctic-monkeys/ >. Acesso em: 18 abr. 2023.

GIL, Antonio Carlos**. Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6a ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEAHEY, Andrew. **Arctic Monkeys Biography by Andrew Leahey.** Disponível em: <https://www.allmusic.com/artist/arctic-monkeys-mn0000325357/biography>. Acesso em: 05 jul. 2023.

Mad Sound. **Alex Turner explica capa de novo disco do Arctic Monkeys** Disponível em: <https://www.madsound.com.br/alex-turner-explica-capa-novo-disco-arctic-monkeys/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

MEDEIROS, Diego Piovesan. **Apostila de Semiótica: Teoria e Classificação dos Signos**. 2011. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2895111/mod_resource/content/1/Apostila%z0de%20semi%C3%B3tica.pdf > . Acesso em: 25 abr. 2023.

MUSZKAT, M.; CORREIA, C. M. F.; CAMPOS, S. M. **Música e Neurociências. Revista Neurociências**, *[S. l.]*, v. 8, n. 2, p. 70–75, 2000. DOI: 10.34024/rnc.2000.v8.8947. Disponível em: https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8947. Acesso em: 18 maio. 2023.

NETTO, José Teixeira. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

NIEMEYER, Lucy. **Elementos de semiótica aplicados ao design**. Rio de Janeiro: 2AB, 2013.

Ombrelo - DECIFRANDO TRANQUILITY BASE HOTEL & CASINO. Youtube, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6OS0XZ-cyYk >. Acesso em: 18 abr. 2023.

ORNELAS, Handerson. **CRÍTICA | "TRANQUILITY BASE HOTEL & CASINO" – ARCTIC MONKEYS.** Disponível em:<https://www.planocritico.com/critica-tranquility-base-hotel-casino-arctic-monkeys/ >. Acesso em: 18 abr. 2023.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PEREIRA, Carla. **A cor como signo: fundamentos para uma abordagem semiótica das cores no design.** 2023. Artigo - Universidade Federal de Campina Grande, Rio de Janeiro, 2023.

RÁDIO ROCK. **Alex Turner Fala sobre o novo disco dos Arctic Monkeys**. Disponível em: < https://www.radiorock.com.br/2018/05/15/conversamos-com-alex-turner-sobre-novo-disco-arctic-monkeys/ >. Acesso em: 17 abr. 2023.

REPPULO, Lucas. **Arctic Monkeys – Tranquility Base Hotel & Casino.** Disponível em: <https://monkeybuzz.com.br/resenhas/albuns/arctic-monkeys-tranquility-base-hotel-casino/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Rolling Stone. **Há 10 anos, Arctic Monkeys se reinventava com o disco Humbug e nunca mais seria o mesmo**. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/em-2009-arctic-monkeys-se-reinventava-com-disco-humbug-e-nunca-mais-seria-o-mesmo-analise/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

SABBAGA, Julia. **Arctic Monkeys : "Tranquility Base Hotel & Casino critica"** Disponível em:<https://www.omelete.com.br/musica/criticas/arctic-monkeys-tranquility-base-hotel-casino-critica >. Acesso em: 18 abr. 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Nik. **Arctic Monkeys AM: Quinto disco do quarteto representa mais uma mudança na direção de sua sonoridade, desta vez usando referências dos anos 70 e 80 para criar uma obra dançante e divertida**. Disponível em: < https://monkeybuzz.com.br/resenhas/albuns/arctic-monkeys-am/ >. Acesso em: 18 abr. 2023.

SILVA, João Jacy Fernandes da. **UMA VIAGEM SEMIÓTICA QUE VISITA AS CAPAS DE ABBA**. 2022. Artigo (Graduação em Design Gráfico) - Faculdade Satc, Criciúma, 2022

SOUZA, Daiana. **Arctic Monkeys: história da banda, músicas e sucessos**. Disponível em: < https://brasil123.com.br/arctic-monkeys/ >. Acesso em: 18 abr. 2023.

TAYLOR, Tom. **The abiding influence of one of Alex Turner's favourite lines in literature.** Disponível em: <https://faroutmagazine.co.uk/alex-turner-favourite-lines-in-literature-influence/ >. Acesso em: 18 abr. 2023.

TAYLOR, Tom. **Alex Turner from boy to rock star: A life in evolving influences.** Disponível em: <https://faroutmagazine.co.uk/alex-turner-life-in-influences/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

TEIXEIRA, J. M.; MATOS, L. M.; PERASSI, R. **Analise semiótica da imagem de uma cadeira. Estudos Semióticos**, *[S. l.]*, v. 7, n. 2, p. 102-109, 2011. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2011.35255. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/35255. Acesso em: 25 maio. 2023.

THE GUARDIAN. **Fast and Furious: They've only released one single, a pop-punk vignette, yet they are already Britain's most talked-about new band. Dorian Lynskey meets Arctic Monkeys**. Disponível em: < https://www.theguardian.com/music/2005/sep/30/popandrock.arcticmonkeys?CMP=twt_gu >. Acesso em: 17 abr. 2023.

VLADI, Nadja. **O negócio da música – como os gêneros musicais articulam estratégias de comunicação para o consumo cultura.** Rio Grande do Sul: Intercom, 2010.